

Ulysses rejeita críticas e diz que o partido não fará oposição a Sarney

Da Sucursal de Brasília

O presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, 70, disse ontem que a bancada do PMDB "não é uma bancada de direita volver, é uma bancada de personalidade, que respeita as manifestações de discrepâncias que existem internamente na busca do consenso". Acrescentou que certas críticas de parlamentares do partido "são construtivas" e não os levarão a fazer oposição ao governo. Referia-se às declarações do 3º vice-presidente do PMDB, senador Affonso Camargo (PMDB-PR), de que os peemedebistas tinham de abandonar a posição "anfíbia" (estar no governo e criticá-lo).

Para Ulysses, com a escolha de seu novo líder na Câmara, a ação do PMDB no Congresso constituinte terá "mais sistema e organicidade". A presença de um bom número de

deputados no debate entre os candidatos à liderança é prova, para Ulysses, de que a bancada não está desunida. O deputado afirmou que tratou da questão econômica com o presidente José Sarney, na conversa de quase três horas na terça-feira à noite. Disse que "o presidente entende que houve desacertos mas está disposto a enfrentá-los".

O porta-voz da Presidência da República, Frota Neto, 44, disse ontem às 18h30 que o presidente Sarney não comentou diretamente as críticas que recebeu anteontem do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e do secretário-geral do PMDB, Affonso Camargo (PR). Sobre as declarações de Camargo —de que o PMDB poderá deixar de apoiar o governo se este não seguir as teses econômicas do partido— Frota Neto disse apenas: "Recentemente houve uma reunião entre o presidente Sarney e os governadores eleitos do

PMDB e esses governadores reafirmaram solidariedade ao governo."

A tese de Affonso Camargo, que é também 2º vice-presidente do PMDB, foi descartada ontem pelos senadores peemedebistas de São Paulo Severo Gomes e Mário Covas. Severo, que preside a Fundação Pedroso Horta do PMDB, afirmou que o ato de exoneração do ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, era uma evidência de que o governo estava procurando ajustar-se ao cumprimento do programa peemedebista. Para ele, outras substituições poderão ocorrer. Para Ulysses, a queda de Bracher "significa que os primeiros ajustes estão sendo feitos".

Covas afirmou que "não é hora de se colocar em questão qualquer proposta de rompimento com o governo".